

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem ST. 16  
Evelyn Raquel Carvalho  
UFPR  
Exclusão- psicologia social- transgêneros- trabalho

## **“Eu quero viver de dia”-Uma análise da inserção das transgêneros- no mercado de trabalho**

### **1. Transgênero como sinônimo de prostituição e perigo: Coragem e luta pelo acesso ao emprego**

O escuro da noite é o único espaço permitido às transgêneros, denuncia Maitê SCHNEIDER, transexual e militante do movimento GBLT, em sua peça de teatro que originou o título inicial deste texto. Infelizmente ainda é no escuro da noite que se concentra a maior porcentagem da carreira profissional e da visibilidade das transgêneros. É no escuro da “noite” que maioria dessas batalhadoras, ganha o seu “dia”, o preconceito torna a prostituição uma solução imediata e rápida.

Em um folder de divulgação do Projeto Casa de Vivência Saara Santana<sup>1</sup>, encontra-se a seguinte reflexão: “A lei garante o direito de trabalho ao cidadão brasileiro. Se é nosso direito, porque não conseguimos emprego? Porque não temos chance de trabalhar? “ A questão da discriminação é uma constante nos discursos sobre transgêneros e inserção profissional. Numa perspectiva de gênero sobre a absorção das transgêneros pelo mercado de trabalho, Miriam ADELMAN (2003, p. 83-84), argumenta:

Basta uma rápida olhada nos anúncios de emprego para deixar claro que o mercado de trabalho possui uma estrutura segmentada pelo gênero-definido pela dicotomia convencional homem/ mulher. Muitos valores subjetivos e avaliações estão embutidos nesta divisão- sobre aquilo que um homem ou uma mulher pode ou deve fazer. Pessoas com uma ambigüidade de gênero poderiam causar confusão e sentir rejeição, por não se encaixarem facilmente nos nichos que existem no mercado de trabalho. A mesma ambigüidade pode ser vista como algo capaz de perturbar o desempenho da função, principalmente num mundo onde muitas ocupações se exercem vinculadas à apresentação e conservação da imagem.

Ainda no que tange o assunto, no ano 2000, uma pesquisa levantada pelo Grupo Esperança<sup>2</sup> revela que a grande maioria (83%), é ou foi profissional do sexo. Outras ocupações mencionadas são: cabeleireiras, cozinheira, auxiliar de produção, estudante,

repcionista e maquiadora; destacamos que tais atividades são aquelas atribuídas socialmente às mulheres, historicamente menos valorizadas e remuneradas.

Entre as profissões desejadas pelas travestis encontram-se: médica, professora, administradora de empresa, enfermeira, estilista, etc; Apenas (2,13%) gostariam de ser profissional do sexo<sup>3</sup>. Quanto a escolaridade, das 94 sujeitos entrevistadas, apenas 5 contaram ter completado o ensino superior, esse dado mostra que uma parcela muito pequena consegue concluir uma graduação, e que possibilitaria realizar o sonho de ser médica ou enfermeira.

Sobre a questão da discriminação, Guacira LOURO (2001) aponta que atualmente as chamadas “minorias” sociais — ou majorias silenciosas? — estão mais visíveis, conseqüentemente, a luta com grupos conservadores se dá de forma mais acirrada, chegando mesmo a casos extremos como agressões e violência moral e física. Fato é que essas lutas estão muito mais concentradas no âmbito social, a grande questão crítica se relaciona principalmente com a sexualidade. Ao se falar de travestis e transexuais considera-se uma carga extra que é o preconceito sofrido com a exteriorização de uma imagem que foge às normas estabelecidas.

Esse dado confirma uma tendência já levantada nas pesquisas em Curitiba, apontando que a exclusão social é uma realidade vivida por esse grupo e que as áreas de trabalho fora da prostituição, concentram-se nos serviços gerais, limpeza e em menor grau salões de beleza. O mercado de trabalho se fecha para as transgêneros, surgindo apenas subempregos, casos de carteira assinada são isolados e muito específicos. A marginalização enfrentada resulta numa conseqüente criatividade das transgêneros na luta pela sobrevivência, havendo a valorização das vias informais de relação, proximidade, indicações e referências pessoais como uma forma para a aquisição de uma vaga profissional.

Há inúmeras situações problemáticas enfrentadas pelas transgêneros dentro do contexto social: o preconceito familiar, escolar, afetivo, profissional. Em um guia produzido pela UNESCO sobre Cidadania é destacado que em relação aos transexuais há uma grande dificuldade na entrada no mundo do trabalho, dizendo respeito principalmente à impossibilidade da mudança no registro de nascimento, formando-se desde cedo toda uma estrutura vinculada no sexo biológico, apresentado neste documento.

No âmbito da situação que abordamos, a exposição e permanência no espaço público gera muitos inconvenientes e desconforto, sobre isso Miriam ADELMAN (2003) expõe que o

serviço militar e a participação eleitoral são momentos críticos, já que colocam a identidade masculina em questão.

## 1.2 Conversando com elas...

Através do Núcleo de Travestis e Transexuais Marcela Prado<sup>4</sup> foi possível um contato mais próximo com as transgêneros. Realizou-se inicialmente investigação na forma de observação e entrevistas. Informou-se às entrevistadas, que se pretendia colher alguns depoimentos relacionados às experiências que elas haviam vivenciado no campo do trabalho.

Um dos aspectos comuns apontados foi o processo de admissão nos seus respectivos trabalhos. Carla, tem 32 anos, é transexual<sup>5</sup>, viveu muitos anos no interior do Estado do Paraná, e trabalhou em funções como: auxiliar contábil, e cobradora de ônibus. Atualmente trabalha como recepcionista em uma ONG. Ela indica como foi a sua admissão em um tabelionato:

Ah, foi então, foi nesse onde eu era auxiliar de cartório que eu fiquei seis anos, também entrei lá por indicação, de uma parente bem distante, e, eu estava numa fase de transição, assim, não de eu não saber o que eu era mas, assim fisicamente me transformando, e, essas pessoas de lá sabiam de toda essa questão, e assim mesmo me aceitaram e até então eu trabalhava, fazia serviços externos,...) (Carla Amaral, 32 anos, transexual, entrevista realizada 21/03/2005)

Alcione, 28 anos, transexual conta qual o peso das relações pessoais estabelecidas para se conseguir um emprego. O exemplo é dado a partir da sua demissão de um hotel em que trabalhava como recepcionista : “Bem uma porque o hotel fechou e abriu sob nova direção, e com certeza não iam me chamar, porque os antigos proprietários do hotel, me conheciam, já há bastante tempo(...)”

Um dos momentos em que as próprias transexuais enfrentavam algum tipo de constrangimento no cotidiano de suas atividades era no contato com o público. Alcione nos apresenta uma constatação sobre essa questão:

(...)As vezes eles, até a pessoa pense que seria uma boa ela dar trabalho pra uma transexual, pra uma travesti, mas eles pensam assim, ao mesmo tempo na realidade, do jeito que a sociedade é, o ambiente de trabalho fica agredido com a pessoa assim trabalhando e fica, porque realmente fica, porque o povo, eu sei quando eu trabalhava ali, eles tem a imagem muito suja do travesti, (...) ser transexual, travesti para ele sempre vai ser a mesma coisa, né, nasceu homem e se veste de mulher, tudo

é a mesma coisa, então, ficam assim, alguns te tratam de boa, depende, outros também já não te tratam muito bem e com certeza não voltam mais ali, pra se hospedar, (...) não voltam pela simples questão de ser um travesti que tá atendendo ele, não voltam, o povo é assim, então (...) com certeza se tiver duas lojas e com um homem e uma mulher atendendo, eles vão ir naquela loja, porque não é só aqui, eu acho que é em todo mundo é assim(...) (Alcione, transexual, 28 anos, entrevista realizada em 23/03/2005)

Para Carla o momento do contato direto com o público em um dos locais em que trabalhou, acabou levando a sua demissão, através de uma estratégia quase que dissimulada que colocava em choque identidade de gênero e o padrão de normatização estabelecido na sociedade do trabalho:

(...) mais tarde eu comecei a atender ao público, então começou a se criar uma situação muito ruim tanto pra empresa quanto pra mim, porque as pessoas não sabiam se era ela, se era ele, e, sempre tinha os buchichos e as coisas, e quase no final na minha saída, a empresa passou por mudanças e eles queriam é, criar uma ordem lá dentro de facilitar a vida dos funcionários fazendo todo mundo usando uniforme, só que era assim, o preconceito já começou aí, aonde eles já colocaram: homens usariam um tipo uniforme e mulheres outro, né. E foi aí onde começou toda a confusão, no qual me chamaram e disseram: - olha você vai ter que usar esse uniforme- e foi aí que eu me coloquei, e falei não, mas eu não posso, usar um uniforme masculino, primeiro porque eu não me identifico como homem e sim como uma mulher, né? E eu já tinha formas, já tinha seios, já tinha, né, toda uma, eu já estava formada, nessa época. Eles não souberam compreender e não aceitaram, essa minha condição, não foi deixado explicito a minha saída por esse motivo, mas eu tenho certeza que foi. Não foi dito que foi por esse motivo, mas como criou-se todo uma dificuldade ali dentro pra que eles resolvessem isso e eles não quererem me aceitar, a minha condição, então eu saí fora. (Carla, entrevista realizada 21/03/2005)

Jorgete, 43 anos, travesti, atualmente monitora de um projeto de redução de danos com profissionais do sexo em uma ONG, dá uma pista de como é a trajetória que acaba levando esse grupo a alternativa de trabalho com prostituição: A mesma entrevistada ainda coloca sobre o preconceito vivido na busca por uma oportunidade:

Eu trabalhei de camareira, cozinheira, fui *baby sitter*, fui diarista, aí eu trabalhei em tanta coisa, fui vendedora de salgados, fiz de tudo um pouco, e as profissões que eu escolhi mesmo foi trabalhar na noite né, foi a minha saída porque na minha época, a sociedade repreendia muito, as travestis(...)

A gente que é homossexual sofre muito preconceito, principalmente quando a gente é assumido, e daí fica muito difícil, a questão trabalhista pra gente, você tem que procurar um emprego, as vezes você encontra alguma simpatia no começo, mas depois sempre a gente recebe uma resposta negativa, em cima disso, principalmente, eles, é, porque a gente somos capazes, mas eles acham que não.(...) É muito difícil mas a gente arruma emprego sim, principalmente o registrado, registrado é muito difícil. Um emprego doméstica, na questão domiciliar, daí é mais fácil (...) Agora quando é pra trabalhar com o povo, como auxiliar de escritório, daí a coisa é mais restrita, porque eles acham que pra lidar com o povo, nós não temos condições. (Jorgete, 43 anos, travesti, entrevista realizada em 18/04/2005)

Os depoimentos das entrevistadas nos remetem às reflexões feitas pelo sociólogo Zygmunt BAUMAN (1999) sobre a alteridade. Para o autor, ser gentil não basta, é mister que haja respeito, em todos os aspectos em sua alteridade, em suas preferências. É necessário dar um basta na humilhação daquele que não corresponde aos padrões estipulados pela sociedade.

Analisando a realidade das pesquisadas, pode-se encontrar transgêneros que após sua transformação corporal em transexual ou travesti tiveram as portas do mercado de trabalho fechadas. Em publicação da ONG Igualdade (2003) a transexual Gabriela Pinho trás a questão da escolaridade para pauta, citando que a escola deveria ser um lugar onde as diferentes identidades de gênero deveriam ser compreendidas e respeitadas, mas infelizmente, quase sempre o que acontece é o oposto, onde se aprende na prática, o que é exclusão. Apesar de todas as dificuldades encontradas na escola, Gabriela Pinho conseguiu vencer concluindo os estudos de primeiro e segundo grau, chegando a ingressar na faculdade, cursando Psicologia até o segundo semestre. Na faculdade ela novamente vivenciou situações de discriminação, conta que as transformações do corpo e a prática da prostituição sempre foram tabus mesmo para estudantes de Psicologia. Na sua entrada no mercado de trabalho também sofreu o estigma e após algum tempo na busca pelo emprego concluiu que devido a sua escolha havia perdido o direito ao trabalho.

#### **1.4- Lutas de Gênero: pensando o gênero nas relações de trabalho com as Transgêneros.**

Ewerton NASCIMENTO (2003) argumenta que as possibilidades de inserção no mercado de trabalho para as transgêneros são mínimas; mesmo nas situações em que estas executem atividades tidas como femininas, não são consideradas mulheres e pela ambigüidade são alvos de preconceitos por parte da sociedade. Ainda considerando a questão da diversidade é colocada a dupla dificuldade enfrentada pelas transgêneros: “é difícil para a mulher entrar no mercado de trabalho, e ter as mesmas condições trabalhistas e salariais do homem, o desafio aumenta para a travesti.” (Ewerton NASCIMENTO, 2003, p. 37)

Sobre as identidades de gênero das transgêneros em Curitiba, Miriam ADELMAN (2001) aponta que para a sociedade de modo geral, a atribuição de um gênero desde a infância e sua normatização durante a vida tem um peso muito grande. Essa atribuição é ponte para a socialização e coloca o indivíduo no mundo ditando suas oportunidades e escolhas. A sociedade costuma ser muito cruel com aqueles/as que fogem a normatização hegemônica.

A autora pontua que padronização de comportamentos segundo o gênero, estão profundamente enraizadas pela cultura, e estão muito ligadas à desigualdade, aos comportamentos que não seguem o aceitável socialmente são desvalorizados, contribuindo

para a estigmatização e marginalização. Um tipo de marginalização resultante do preconceito aos diferentes é a exclusão no mundo do trabalho. Aqueles/as que vão contra os ditames sociais são colocados como transgressores.

Desse modo, conforme Veriano TERTO JR (2003), a hierarquia e a dominação estão baseados em relações de classe, gênero, divisões étnicas e sexuais que reforçam e mantêm as assimetrias de poder e produzem estigmas. Essas situações exigem uma mobilização, a luta pela cidadania, baseada na equidade, processo possível a partir da promoção dos direitos humanos e do respeito à diversidade sexual.

### **Considerações Finais**

Para Bader SAWAIA (2000) é necessário que sejamos otimistas, mas não de modo acrítico, para ele ser otimista é acreditar na possibilidade que cada sujeito tem de lutar contra esta condição social e humana, sem desconsiderar a determinação social. O excluído não está à margem da sociedade, mas repõe e sustenta a ordem social, sofrendo muito nesse processo de inclusão social.

A partir das leituras, dos depoimentos, das análises, pode-se concluir que as transgêneros têm protagonizado sua história Mesmo com uma sociedade inflexível e estigmatizadora, elas têm lutado. Apesar de uma aparente invisibilidade, as transgêneros estão no meio social, procurando ocupar seus espaços, indo além da idéia de que a noite, o breu é o único local permitido para sua atuação. Um dos caminhos encontrados é a organização de grupos, atuantes em movimentos sociais, ampliando suas possibilidades de inserção, e de debate político sobre sua condição na sociedade.

Um dos maiores obstáculos encontrados está na inserção do grupo no mercado de trabalho, espaço esse cada vez mais marcado pela exclusão<sup>6</sup>, mas que se acentua consideravelmente quando se trata de transgêneros, tendo em vista estas trazerem as “marcas do corpo” (Guacira LOURO, 2001) que tanto incomodam a sociedade pautada pela normatização e padrões definidos como aceitáveis . Trazer à tona esse debate no campo da Psicologia Social é importante para o processo de conquista da equidade da sociedade como um todo.

### **Referências**

ADELMAN, Miriam. *Travestis e Transexuais e os Outros: Identidade e Experiências de Vida*. in: Gênero. Niterói: EdUFF, v. 4, n. 1, 2003, p. 65-100.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

GRUPO ESPERANÇA. *Quem somos*. <http://www.grupoesperanza.com.br/indice.htm> Acesso em: 20 fev. 2005

LOURO, Guacira. L. *Teoria QUEER: Uma Política Pós-identitária para a Educação*. in: Revista de Estudos Feminista, Florianópolis: v. 9 n. 2/2001 p. 541-553.

NASCIMENTO, Ewerton S; LARA, Sheila V. *Alternativas de mercado de trabalho para as travestis de Aracaju*. Aracaju: Ministério da Justiça, 2003.

OLIVEIRA, Marcelo. *O Lugar do Travesti em Desterro*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997

SAWAIA, Bader B. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? in: SAWAIA, Bader. (Org). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7-13.

SCHNEIDER. Maitê. *Travestis, transexuais e o mercado de trabalho*. <http://hosting.pop.com.br/glx/casadamaite/vida/artigos/artigo5.html>. Acesso em: 26 out, 2004.

STECZ, Solange S. *Perfil, Identidade e Experiência das Travestis de Curitiba*. Curitiba: Reproset, 2003

TERTO Jr., Veriano. Estigma e discriminação na terceira década da AIDS. in: BÖER, Alexandre (Org). *Construindo a Igualdade; a história da prostituição de travestis em Porto Alegre*. Porto Alegre: Igualdade, 2003.p. 141-148.

---

<sup>1</sup> Trata-se de um projeto da Casa de Vivência Saara Santana que acontece em Londrina. Os objetivos do projeto, são promover a melhoria da qualidade de vida e estimular o exercício da cidadania para a população de travestis, gays e garotos de programa no município de Londrina.

<sup>2</sup> O Grupo Esperança é uma Organização Não Governamental, fundada em 18 de fevereiro de 1994. cuja missão é trabalhar pela integração na sociedade de pessoas excluídas e em situação de vulnerabilidade social - em especial as travestis. Tem atividades voltadas aos direitos humanos, cidadania, assistência e prevenção das DSTs/HIV/Aids. Desenvolve cursos de capacitação profissional na busca de renda alternativa como cursos de corte e costura e artesanato. (GRUPO ESPERANÇA, 2005)

<sup>3</sup> A questão aqui proposta não se volta para as transgêneros que vivem a prostituição como uma escolha, nem tão pouco discutir especificamente esse universo., o que exigiria um outro referencial teórico. Nossa proposta é analisar o modo como esse grupo é cerceado de outras possibilidades de trabalho.

<sup>4</sup> O Núcleo de Travestis de Transexuais Marcela Prado, funciona junto ao Grupo Dignidade, e é um espaço onde se organizam transexuais e travestis discutindo juntas estratégias para a luta do dia-a-dia.

<sup>5</sup> As denominação de identidade de gênero utilizadas neste texto -travesti, transexual- segue a identidade verbalizada pelas entrevistadas .

<sup>6</sup> As discussões atuais sobre o mercado de trabalho apontam como grupos historicamente destituídos de poder irão ter menor acesso aos postos de trabalho, a saber, mulheres, negros, portadores de necessidades especiais. O processo de reestruturação produtiva desencadeado principalmente na década de 90 irá ampliar o número de empregos informais e a limitação a garantia trabalhistas até então conquistadas. O fato é que para as transgêneros tais dificuldades são ampliadas frente às especificidades aqui discutidas.